

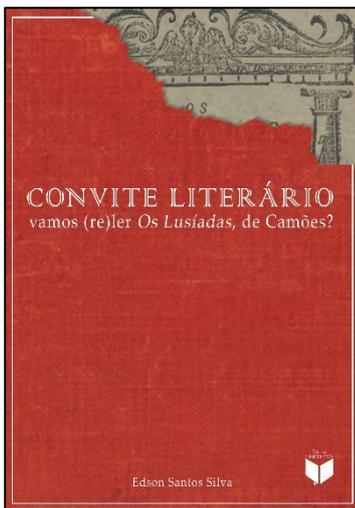


Convite literário

Larissa de Cássia Antunes Ribeiro¹

Resenha de:

SILVA. Edson Santos. *Convite literário – vamos (re)ler Os Lusíadas, de Camões?*. Guarapuava: UNICENTRO, 2021.



Desfrutar dos prazeres de uma bela obra de arte realmente requer alguns subsídios, pois o objeto artístico é uma composição complexa. É importante salientar os impactos que um texto literário pode exercer na vida dos sujeitos ao provocar vivências jamais atingíveis sem o trabalho da leitura.

A experiência com o texto pode tornar o ser humano mais sensível para novas perspectivas sobre si e o mundo. Desse modo, um dos papéis da escola é abordar a literatura de modo eficaz, pois nela estão intrínsecos os valores da educação e a sua função social.

Convite Literário – vamos (re) ler Os Lusíadas, de Camões? vem ao encontro da abordagem da leitura. Ele se coloca como um texto articulador para professores e estudantes ou para qualquer pessoa que queira adentrar em *Os Lusíadas* de maneira rica, ou seja, apreendendo as nuances que essa narrativa carrega, com o alcance e ressignificação dos elementos que a compõem.

Para melhor situar o potencial da obra de Edson Santos Silva (professor de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual do Centro-Oeste, preocupado em levar ao grande público a arte que muitas vezes acaba cerceada nos muros acadêmicos), recorre-se a pontuais considerações sobre o ensino nos últimos anos.

¹ Professora colaboradora da disciplina de Estágio em Língua Portuguesa na UEPG e Professora de Língua Francesa no Centro de Línguas da UNICENTRO/ Irati. E-mail: ribeiro.larissadecassia@gmail.com.

No século XX, com o advento da pós-modernidade – a literatura de massa ganha força e o clássico parece perder parte de seu prestígio. Frente a essas questões e adversidades, a voz de Candido (2017) ressoa em tom contundente e a emergência por mudanças se faz notável.

Contemporaneamente, é impossível deixar de lado o apelo que as mídias sociais estabelecem em nossas vidas, o que nos empurra à intensa corrente de informações. E dentro desse meio, ler é um ato de concentração e, além disso, de diálogo com os vários contextos e suas especificidades. Desse modo, estabelecer conexões entre a Literatura e músicas, filmes e os acontecimentos que nos cercam é muito produtivo. A arte está nas minúcias de nossas vidas. Mesmo diante dessas relações, não podemos deixar de ressaltar a especificidade que ela nos oferece. Compagnon (2009) considera a respeito: “(...) a literatura continua sendo a melhor introdução à inteligência da imagem.” (COMPAGNON, 2009, p. 55). Mais do que o cinema e os games? Sim, como o autor aponta, as imagens do texto, somos nós quem articulamos; podemos parar a leitura para imaginar, estabelecer um ritmo específico para uma cena que nos é ofertada e relacioná-la à tantas outras que temos em nossas memórias. Ora, nunca somos tão autônomos no tocante da movimentação das representações do que no momento da leitura. De acordo com Compagnon (2009): “A literatura não é a única, mas é mais atenta que a imagem e mais eficaz que o documento, e isso é suficiente para garantir seu valor perene: ela é *A vida: modo de usar (...)*”. (COMPAGNON, 2009, p. 55).

Sendo *Os Lusíadas*, uma produção clássica da nossa língua portuguesa, certamente, cabe às instituições de ensino tratá-la de modo aprofundado. Mas afinal, como isso pode ser efetivado?

A partir desse contexto, apresento a obra de Edson Santos Silva e a sua explanação de modo específico sobre a leitura de *Os Lusíadas*. Através do caminhar didático, o lúdico vai tomando forma e o trabalho com o texto é desenvolvido a passos importantes que impulsionam o leitor ao mergulho nessa arte. O autor estrutura sua produção em duas partes: a primeira apresenta 5 seções que trazem a preparação para a segunda, a qual contempla trechos e leva à leitura integral do texto. Assim, ele traça todo um caminhar que prepara a leitura através da compreensão do fato literário dentro do contexto histórico-socioeconômico.

“Entre segredos e degredos” têm-se a apresentação do contexto de produção e a partir da estética clássica, diferencia os conceitos de drama e dramático, de acordo com Pavis (1999). Além dessa ambientação, a leitura dá recursos para a atualização do

texto *camoniano*, pois ao descobrir os valores e a estética reverenciada em outra época, o leitor é provocado a estabelecer paralelos com o tempo presente. A linguagem clara perpassa a teoria que oferece a perspectiva sobre: os aspectos da narrativa, a importância dos diálogos, os temas, os planos entre o humano e o mítico, bem como a mescla da expansão renascentista com a ideologia medieval. A intertextualidade nos é apresentada com a comparação proposta por Sena (1959) entre Camões e Proust, ambos trabalham com o tema: “Em busca do tempo perdido” em épocas diferentes. Sendo que essa ação permite que outras sejam postas em jogo. Dessa maneira, as leituras já percorridas são colocadas entre diferenciações e similitudes.

Em “Entre sangue e armas, mas afinal quem foi Camões?” o autor aborda a biografia *camoniana*, de forma documentada, situando-a junto à produção artística. Assim, o leitor tem o privilégio de adentrar ainda mais no universo histórico; compreender os desafios que cercavam os indivíduos naquele momento; comparar com o tempo presente e perceber a função do autor para a sua época e para a posterioridade. A partir do subtítulo, observa-se o ímpeto de Camões, o que abre a perspectiva sobre a sua vida. Há a presença de imagens de registros biográficos bastante relevantes, tal como a assinatura do escritor e a cópia do *Perdão Geral de D. João III a Camões*, o qual reporta a remissão por parte do rei que o havia condenado à prisão devido a uma agressão contra um dos encarregados da corte. Junto a esses curiosos dados, tem-se as peculiaridades históricas a respeito da escrita e publicação da obra referenciada, o que provoca o vislumbrar das nuances entre autor imortalizado e sujeito biográfico. A recepção da crítica também nos é colocada de tal modo que temos diante de nós o diálogo que a narrativa teceu e ainda tece com o mundo, pois efeitos de sentidos são revalorizados a cada momento histórico. Assim, as palavras eternizadas na produção literária e o sujeito pitoresco mortal são dados à contemplação do leitor, o qual irá tecer comentários e valores, de acordo com a sua concepção e conteúdos aprendidos por meio dessa leitura.

“No reino de Janos: tendências artísticas e literárias”, estamos de maneira mais detida com os temas imprescindíveis para a compreensão da produção *camoniana*: o Humanismo e o Classicismo. Junto a eles, encontram-se as relações que Camões estabeleceu com cada uma dessas tendências estéticas, pautando-se no dado e tateando o novo. Entre as estruturas estabelecidas, traz as ousadias de um criador devido às necessidades que vislumbra diante de seu contexto. Aqui, discute-se a respeito da composição entre os temas e as formas, o que provoca a quebra de perspectivas já

instauradas e a estruturação de diferentes percepções sobre questões universais. Edson Santos Silva oferece a imagem bastante perspicaz para descrever Camões: “(...) a de um maestro que afina e coordena a diversidade sonora para compor uma perspectiva forte e contundente monológica a partir da fé e da religião.” (SILVA, 2021, p. 46). Com isso, o leitor compreende as escolhas formais que estão nessa construção artística e as valoriza dentro e fora do seu tempo de criação.

Em “Atmosfera épica em *Os Lusíadas*” há o conceito de épico, a partir do *Dicionário de Termos Literários* (1978) de Massaud Moisés, a fim de colocar o grande objetivo que *Os Lusíadas* apresenta: “(...) mostrar o resultado de um projeto que começa com D. João e termina com D. Manuel – o de chegar às Índias, celeiro de ricas especiarias (SILVA, 2021, p. 47). Junto à representação da grande aventura, está a abordagem da divinização intrínseca em tal empreendimento. O autor chama a atenção para: as tessituras entre o mundo moral e o mundo material; questões como o paganismo, presente na imagem de deuses pagãos, articulada aos valores religiosos cristãos, e o Cristianismo - como mecanismo da dimensão épica - através da concepção de milagre presente na obra. Observa-se que conceitos estéticos, muitas vezes são mencionados em materiais didáticos, mas ausentes de relações profícuas com os textos literários. Nesse livro, Silva os esclarece junto ao texto, o que enriquece as ferramentas de leitura e dá vida à teoria.

“De espiritualidade e normatividade em *Os Lusíadas*” apresenta a metodologia de leitura, a qual é explicitada da seguinte maneira: “(...) síntese de cada canto, transcrição do diálogo, breve comentários acerca do dramático, no sentido de filiá-lo a um dos itens já elencados: a) quadros vivos; b) cortejos históricos; c) cizânias mitológicas; d) queixas do poeta.” (SILVA, 2021, p. 51). Essa escolha de leitura dá os subsídios necessários para a percepção do fato literário como objeto da linguagem. A partir dela, é possível encarar o texto como objeto de arte e trabalho com a língua para além do instrumento de comunicação e da transmissão de conhecimentos.

Tal como Araújo indica no primeiro parágrafo do prefácio, essa obra não pretende ser uma teoria de como ler, mas ela oferece: “(...) caminhos possíveis para adentrar à polifonia, visto que se trata de uma proposta de leitura concebida como multifária, aberta e, acima de tudo, como um gesto político e comunitário” (ARAÚJO In SILVA, 2021, p. 13). Portanto, ela é destinada a toda pessoa que queira fazer uso do seu direito de atingir o prazer estético por meio das palavras artísticas de Luís Vaz de Camões. Palavras essas que serão apreendidas e revalorizadas pelo leitor. As

realidades presentes, além de adquirirem formas e significados, podem ser revistas e até mesmo modificadas, tanto no campo simbólico, como no âmbito da prática.

Esta resenha sobre *Convite Literário – vamos (re) ler Os Lusíadas*, de Camões? não poderia ter outro objetivo que não fosse o de convidar para as leituras. Vamos aos textos...

Referências

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. de Laura Tadei Brandini Belo Horizonte: UFMG, 2009.